

## **BRASILEIROS NO EXTERIOR: VIDA, DIFICULDADES E A PANDEMIA DE COVID-19**

**Priscilla Pachi<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo

### **Resumo**

Desde 2020 a pandemia de Covid-19 acomete o mundo e afeta diretamente a mobilidade humana. Migrantes e refugiados ficaram impossibilitados de atravessar fronteiras, acessar os sistemas de saúde e os benefícios sociais, muitos perderam seus empregos e suas fontes de renda e, a vulnerabilidade de vida desses grupos se aprofundou. Com cerca de quatro milhões de brasileiros vivendo no exterior, este artigo tem por objetivo analisar como a pandemia afetou a vida desses emigrantes nos últimos anos. Metodologicamente esta análise se ampara em 20 entrevistas semiestruturadas realizadas com brasileiros de abril/2021 a maio/2022 para o projeto de *podcast* intitulado “Brasileiros no exterior: vida, dificuldades e a pandemia de COVID-19” que pretendeu dar voz e escuta aos brasileiros que estão longe do país e aproximá-los do enfrentamento da crise sanitária nacional que vitimou mais de 600 mil pessoas.

*Palavras-chave:* emigrantes brasileiros; projeto migratório; pandemia.

## ***BRAZILIANS ABROAD: LIFE, DIFFICULTIES AND THE COVID-19 PANDEMIC***

### **Abstract**

Since 2020, the Covid-19 pandemic has affected the world and directly affects human mobility. Migrants and refugees were unable to cross borders, access health systems and social benefits, many of them lost their jobs and sources of income, and the vulnerability of these groups deepened. There are about four million Brazilians living abroad, this article aims to analyze how the pandemic has affected the lives of these emigrants in recent years. Methodologically this analysis is supported by 20 semi-structured interviews carried out with Brazilians from April/2021 to May/2022 for the podcast project entitled “Brazilians abroad: life, difficulties and the COVID-19 pandemic” that intended to give voice and listen to the Brazilians who are far from the country and bring them closer to facing the national health crisis that has killed more than 600 thousand people.

*Keywords:* Brazilian emigrants; migration project; pandemic.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – Universidade de São Paulo (USP – SP), mestra em Geografia, bacharel em Geografia e Turismo e bolsista CAPES. E-mail: [priscilla.pachi@usp.br](mailto:priscilla.pachi@usp.br).

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 2020 o mundo enfrenta a pandemia de Covid-19, uma ameaça invisível causada pelo coronavírus Sars-Cov-2 que ceifou a vida de 6.249.828 pessoas no mundo e 664.828 no Brasil.<sup>2</sup>

Esses dados revelam a importância e a necessidade da realização de análises e estudos em vários campos das ciências para compreensão das consequências desse fenômeno global que atravessou, sem barreiras, as fronteiras nacionais e exigiu, de cada nação, políticas drásticas de contenção da disseminação da doença.

Diferentemente do vírus que circulou livremente, os seres humanos foram podados de se movimentarem, fronteiras se fecharam e a mobilidade humana se restringiu aos limites das cidades, dos estados e dos países.

Migrantes e refugiados ficaram retidos em fronteiras e foram impossibilitados de darem sequência aos seus projetos migratórios. Do mesmo modo, os que já estavam podados de movimento e que se encontravam em campos de refugiados e abrigos não tiveram a possibilidade do isolamento e de cuidados básicos com a higiene para que a contaminação e a disseminação da Covid-19 fossem evitadas.

Não há dados oficiais do número de brasileiros que vive em outros países. Esta é uma questão complexa e as cifras variam dependendo da fonte de pesquisa. O censo de 2010, apresenta um número de 491.645 mil brasileiros residentes no exterior em 193 países do mundo, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) recentemente estimou que há cerca de 4,2 milhões de brasileiros vivendo fora do Brasil, sendo que o aumento em 10 anos foi de 36%. Cabe destacar que esses números consideram somente os brasileiros cadastrados nos consulados e exclui os brasileiros que estão em território estrangeiro e não se apresentaram em seus consulados ou embaixadas, ou ainda, que estão irregulares em terras estrangeiras. Já a Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima que existam de 1 a 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior (PACHI, 2021).

---

<sup>2</sup> Dados relativos à 07/05/2022 (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2022).

Com base nos dados sobre a população brasileira no exterior e pensando em todas as dificuldades enfrentadas pelos migrantes durante a pandemia que surgiu a necessidade de criar uma série de *podcasts* intitulada “Brasileiros no exterior: vida, dificuldades e a pandemia de Covid-19” para dar voz aos brasileiros que estão longe de seu país de origem, entender como estão enfrentando a pandemia e como os países em que se encontram estabeleceram ações de combate ao vírus e políticas assistenciais à população mais vulnerável, incluindo os imigrantes.

Dor, tristeza, revolta, desespero, impotência, solidão, sofrimento e angústia são algumas das palavras que expressam os sentimentos dos 20 brasileiros que vivem no exterior entrevistados para esta série no período de abril de 2021 a maio de 2022. Eles revelam as dificuldades de enfrentar, na maioria dos casos, de forma solitária este momento tão incerto e desconhecido que vivemos nos últimos anos.

Desse modo, este artigo fará uma análise dos principais tópicos relacionados à pandemia durante as entrevistas de modo a compreender as dificuldades vividas por esses emigrantes e de que modo a distância do país de origem e dos afetos pôde intensificar os problemas já enfrentados cotidianamente por eles.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O ineditismo e a intensidade da pandemia de Covid-19 no séc. XXI fez com que vários segmentos das ciências se debruçassem para entender e analisar este fenômeno e suas consequências. Houve uma corrida de pesquisadores para a produção de vacinas, para o entendimento do comportamento do vírus, assim como a sua transmissão e as sequelas deixadas por ele.

No que tange às Ciências Humanas, sociólogos, historiadores, economistas, geógrafos, entre outros, analisaram e fizeram inúmeras comparações dentro de seu escopo de estudo e atuação. Para a Geografia, especificamente, alguns conceitos foram decisivos para a análise da pandemia e para esse estudo como: fluxos migratórios, fronteira, mobilidade do trabalho, segregação socioespacial e circuitos da economia.

Desse modo, essa análise se inicia partindo do pressuposto fundamental de que o fenômeno migratório é essencialmente espacial, logo as pessoas migram no e

pelo espaço. Por migrarem no e pelo espaço torna-se possível espacializar as segregações espaciais e os espaços de exclusão (DAL GALLO,2011; NEPEN GEOUSP,2021).

Como espaço de segregação e exclusão, a fronteira surge nos discursos de proteção/segurança nacional e de contenção da disseminação do vírus que ampararam as decisões de fechamento e controle dos fluxos de (in) desejados em vários países.

Principalmente no início da pandemia foi possível constatar que a maioria dos países fecharam suas fronteiras e um dos “direitos do homem”, ou seja, a “liberdade de ir e vir” ficou restrita e agudizou ainda mais o sofrimento de migrantes que desejavam retornar para seus países de origem. Cabe ressaltar que o cruzamento das fronteiras ficou restrito às pessoas, mas não aos capitais, mercadorias e profissionais essenciais ligados à saúde que tinham acesso liberado.

Para Mbembe (2019),

... o poder da fronteira está em sua capacidade de regular as múltiplas distribuições das populações – humanas e não humanas – sobre o corpo da terra, e, assim, afetar as forças vitais de todos os tipos de seres. No século 21, torna-se evidente um desejo global renovado dos cidadãos e de seus respectivos Estados por um controle mais rígido da mobilidade. Para onde quer que se olhe, o impulso é em direção ao cercamento ou, em todo caso, a uma dialética mais intensa de territorialização e desterritorialização, de abertura e fechamento.(MBEMBE,2019).

Povoa Neto (2017) destaca que a relação entre os movimentos migratórios e as fronteiras sempre foi tensa devido, “por um lado, aos processos sociais que superam limites territoriais e, por outro, demarcações no território que objetivam o controle de fluxos e movimentos” (POVOA NETO, 2017, p. 59)

Além disso, a fronteira é o lugar do dinamismo, das trocas e do pertencimento social que pode ser reforçado ou resignificado “não há como pensar a fronteira a não ser em sua relação com os movimentos de população, sejam militares, sejam de comerciantes, de pastores, de povos itinerantes.” (POVOA NETO, 2017, p.63)

E, nesse sentido,

A capacidade de decidir quem pode se mover, quem pode se estabelecer onde e sob quais condições, ocupa cada vez mais o centro de lutas políticas por soberania, nacionalismo, cidadania, segurança e liberdade. (MBEMBE,2019)

Para Mbembe (2019) é na fronteira que se estabelece o controle migratório com base no monitoramento dos corpos e de seus movimentos. Para além do conceito de fronteira surge o de necropolítica pautado na determinação de quem deve viver e quem deve morrer, seja pelo uso da força ou por discursos políticos que elevam a discriminação e a intolerância contra determinados grupos em favor da segurança da maioria da população. Desse modo, observa-se a necropolítica nas práticas dos governos e nos discursos em torno da pandemia. Ações pautadas pela emergência sanitária, na defesa do território e da população nacional resultam numa maior segregação dos espaços, na exclusão dos não nacionais e no fechamento das fronteiras (MBEMBE, 2019; 2020).

... as fronteiras contemporâneas correm o risco de se tornarem lugares de reforço, reprodução e intensificação da vulnerabilidade para grupos estigmatizados e desrespeitados, para os mais marcados racialmente, cada vez mais dispensáveis, aqueles que, na era do desamparo neoliberal, pagam o preço mais alto pelo período em que mais se construíram prisões em toda a história humana (MBEMBE,2019).

Prosseguindo com a noção de que a fronteira estabelece um limite para segregar as pessoas, é possível também dizer que nos espaços urbanos, determinados grupos sociais, neste caso específico, os imigrantes, são vistos e tratados como não cidadãos pelos Estados cuja negação de direitos básicos os apartam da sociedade, aumentando ainda mais a vulnerabilidade de vida dessas pessoas. Desse modo, é também no âmbito do espaço urbano que novos limites fronteiriços são determinados excluindo determinadas parcelas da população.

Outro fator que agravou a vulnerabilidade dos imigrantes durante a pandemia foi a perda de trabalho e renda, muitos atuam com o mercado informal, na venda de produtos típicos do país de origem e artesanato e, com a necessidade de isolamento social, ficaram dependentes da ajuda de entidades assistenciais ou dos auxílios emergenciais concedidos pelos governos. Frente às incertezas causadas pela crise sanitária e fragilizados pela distância de seus familiares e amigos, muitos

pensaram e tentaram retornar aos seus países, mas esbarraram na dificuldade de mobilidade por conta do fechamento das fronteiras.

No que tange à força de trabalho e sua mobilidade, Sayad (1998) define o imigrante como uma “força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p. 54-55). Para este autor, o trabalho é a razão de ser do imigrante em determinado território e sua permanência está condicionada a ele pois, se não há mais trabalho, não há imigrante e muito menos condição de sobrevivência em terra estrangeira.

Ainda sobre o emprego da força de trabalho imigrante, Santos (2004) em sua teoria dos dois circuitos da economia urbana explica como se dá a economia das cidades nos países periféricos do capitalismo. Segundo tal teoria, existem dois subsistemas urbanos: o subsistema superior, composto pelas grandes empresas, bancos e pelos setores de alta tecnologia e o subsistema inferior, composto pelas atividades que se utilizam de mão de obra intensiva e com pouca necessidade de capital e investimento. Os dois subsistemas produzem materialidades distintas, mas são complementares no processo capitalista de produção dos países subdesenvolvidos e contribuem para o capital internacional com base na exploração da força de trabalho precarizada, não qualificada, não formalizada e de muitos imigrantes.

Nesse sentido, é a partir da mobilidade do trabalho que operam os arranjos produtivos do mundo global que contribuem para uma nova divisão espacial do trabalho para os fins da acumulação no modo de produção capitalista. Para tanto, a migração é uma alternativa de sobrevivência para os indivíduos, ao mesmo tempo, em que regula os processos de acumulação. (GAUDEMAR, 1976; PACHI, 2019)

Para Pietro Basso a força de trabalho do imigrante é o “protótipo da força de trabalho flexível”.

(...) sujeita a todas as formas de exploração, piores horários, ritmos pesados, péssimas condições de trabalho e baixa remuneração. Uma precariedade que naturalmente se prolonga, como ressalta o autor, na condição de vida do imigrante, habitação, educação, serviços de saúde. (VILLEN, 2014, p.92).

Para além da crueldade das políticas governamentais com relação à pandemia que atingiu diretamente inúmeras pessoas mundo afora, os imigrantes puderam contar com o apoio e o suporte de outros nacionais e das redes de solidariedade espalhadas pelo mundo, com isso, tiveram atendimento material e psicológico para suprir suas necessidades básicas.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS**

Vários foram os debates, encontros e seminários que foram organizados durante a pandemia para tratar do tema das migrações e da condição de imigrantes, refugiados e solicitantes de refúgio que vivem no Brasil. No entanto, pouco se debateu sobre os impactos da pandemia na vida dos brasileiros que vivem no exterior.

Nos últimos vinte anos a Polícia Federal por meio do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra) registrou a entrada de 1.504.736<sup>3</sup> imigrantes no Brasil, ao passo que, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) estima que há aproximadamente 4,2 milhões<sup>4</sup> de brasileiros cadastrados nos consulados mundo afora, isso sem contar os brasileiros que estão indocumentados e que não se apresentaram às autoridades brasileiras no exterior, este número representa quase três vezes mais o número de imigrantes que entraram e vivem no Brasil.

Com o objetivo de entender e analisar como os brasileiros que moram no exterior enfrentam a pandemia de Covid-19 foi criada em abril de 2021 a série de *podcasts* intitulada “Brasileiros no exterior: vida, dificuldades e a pandemia de COVID-19”. Buscou-se por meio de entrevistas dar voz a essas pessoas e, desse modo, elas puderam revelar suas angústias, dificuldades, falar de seus projetos migratórios e como veem a situação do Brasil estando distantes da realidade a qual o povo brasileiro está vivendo.

---

<sup>3</sup> Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra). Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/>. Acesso em 07 mai.2022

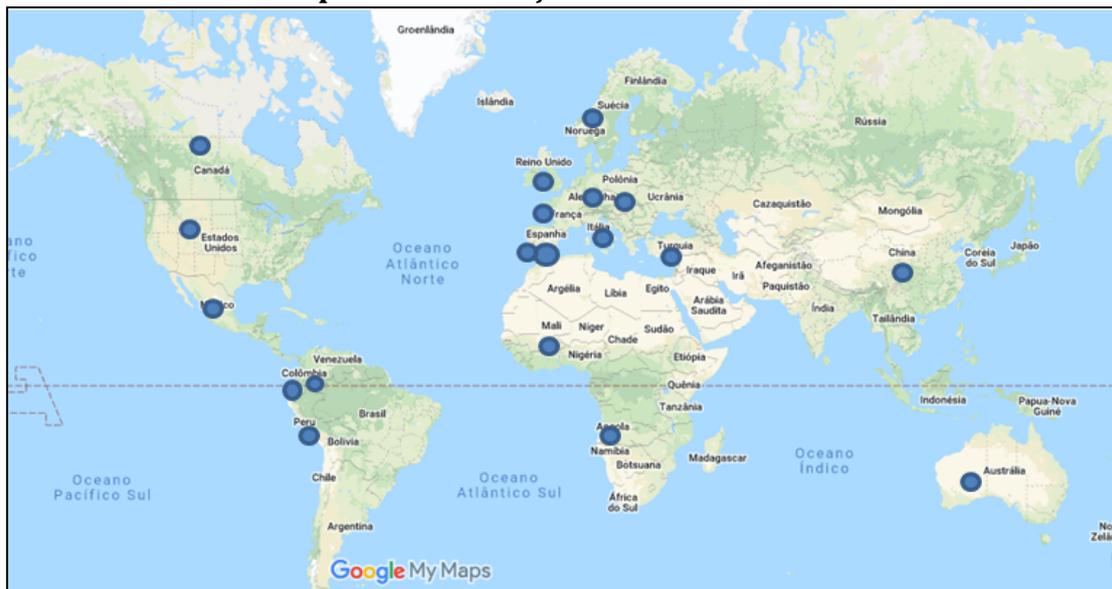
<sup>4</sup> Ministério das Relações Exteriores (MRE). Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>. Acesso em 07 mai.2022

Por meio de um roteiro contendo aproximadamente 12 perguntas semiestruturadas, as entrevistas foram realizadas em ambiente virtual com duração de aproximadamente uma hora e as falas foram compartilhadas em plataformas virtuais como *Spotify* e *Google podcast* e, nas redes sociais.

Com o intuito de elaborar uma análise e tabular os resultados, algumas perguntas se repetiram em todas as entrevistas visando assim, compreender o impacto da pandemia na vida dos emigrantes e saber como cada país tratou a população e o controle da disseminação da doença. Para além da pandemia, algumas perguntas são feitas com base nas particularidades do contexto de cada país onde se encontram os brasileiros que participaram desse projeto. Segundo Alves-Mazotti e Gewandszajder (1998) “na entrevista o pesquisador tem como objetivo compreender o significado atribuído por sujeitos a eventos, situações, processos e personagens que fazem parte de sua vida cotidiana” (ALVES-MAZOTTI; GEWANDSZAJDER, 1998, p. 168).

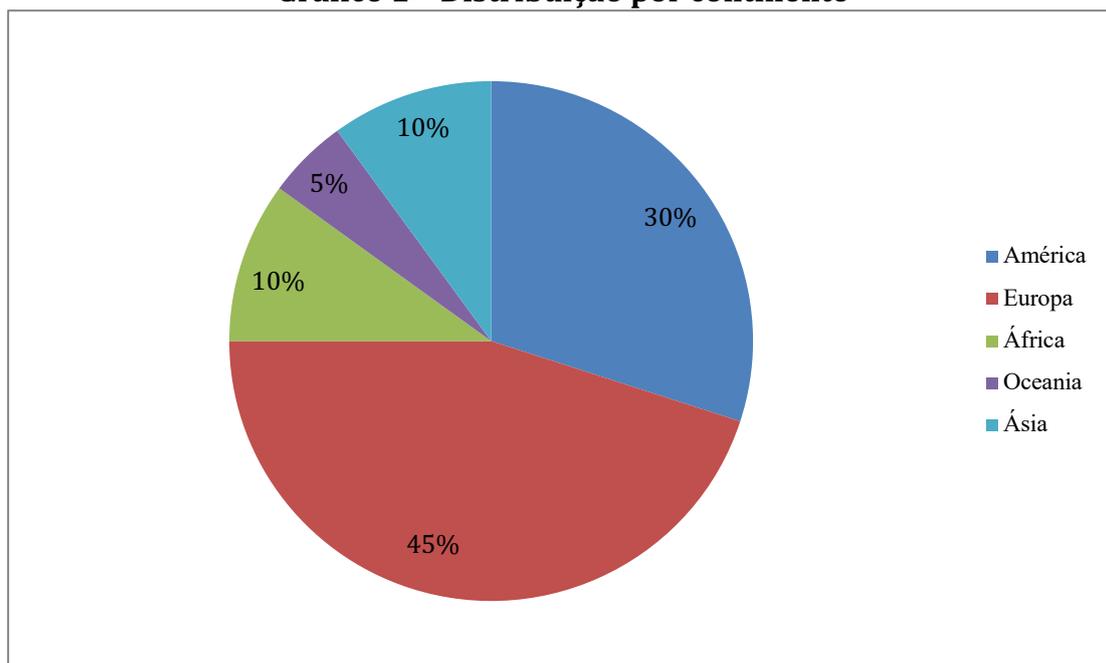
Desse modo, foram entrevistados de abril/2021 a maio/2022, 20 brasileiros em 19 países na seguinte ordem: Espanha (2), França, Canadá, República Checa, Noruega, Peru, Itália, Equador, Colômbia, EUA, Angola, Austrália, México, Gana, China, Portugal, Inglaterra, Alemanha e Jordânia. As entrevistas cobriram todos os continentes, mas o continente europeu concentrou a maior parte dos entrevistados conforme aponta o mapa 1 e o gráfico 1.

### Mapa 1 - Localização dos entrevistados



Fonte: Google Maps. Elaboração da autora, 2022.

### Gráfico 1 - Distribuição por continente

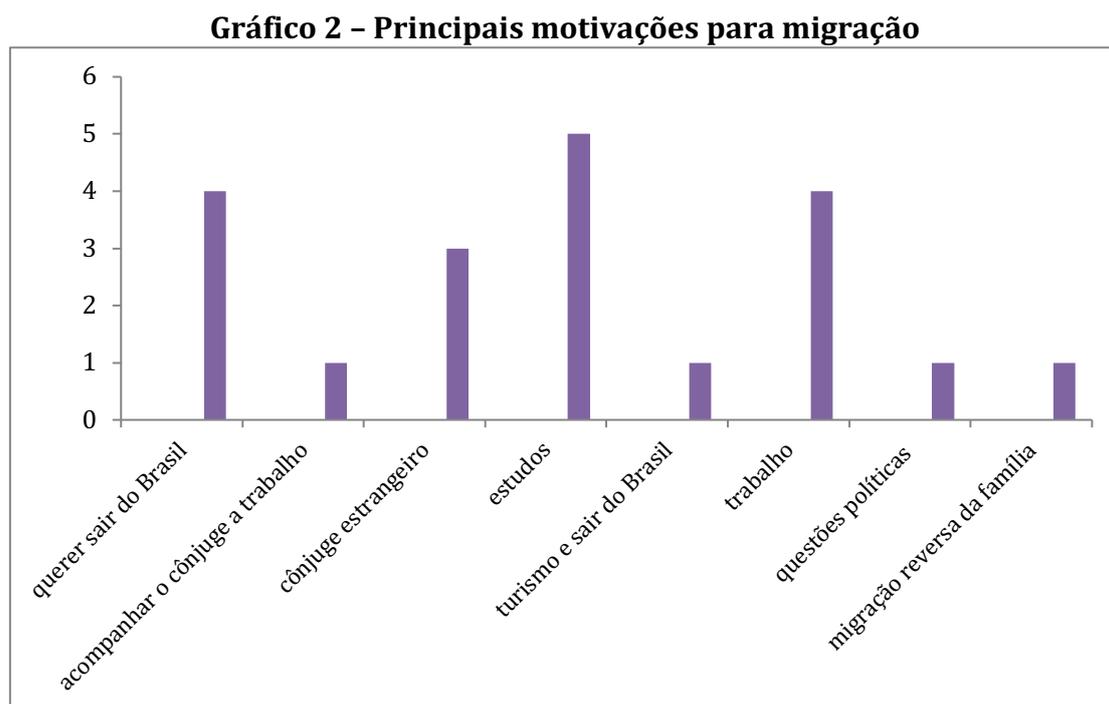


Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Com relação ao perfil dos entrevistados, 60% são mulheres e 40% homens, as idades variam, mas 55% têm entre 40 e 50 anos. Com relação ao nível de escolaridade, 19 possuem nível superior completo e um deles somente o 2º grau incompleto. Destaca-se que as pessoas com maior escolaridade e com uma situação regular migratória não hesitaram em participar do projeto porém, notou-se que as pessoas com um nível mais baixo de escolaridade não concordaram em participar,

acredita-se que, talvez, estejam de forma irregular no exterior e temeram pela exposição e divulgação de suas falas nas redes sociais, o que poderia agravar a situação migratória. Os participantes, apesar de estarem legalmente estabelecidos nos países em que vivem, não deixaram de citar a difícil situação migratória das pessoas em situação irregular nesses territórios e o impacto da pandemia em suas vidas que agrava ainda mais a vulnerabilidade desses indivíduos. Ressalta-se também que todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento de uso e compartilhamento de suas falas.

Perguntados sobre seus projetos migratórios, isto é, o que os levou a morar em outro país, as principais motivações foram: estudos, desejo de sair do Brasil, trabalho, acompanhamento do cônjuge que possui outra nacionalidade diferente da brasileira e expatriação; conforme aponta o gráfico 2.



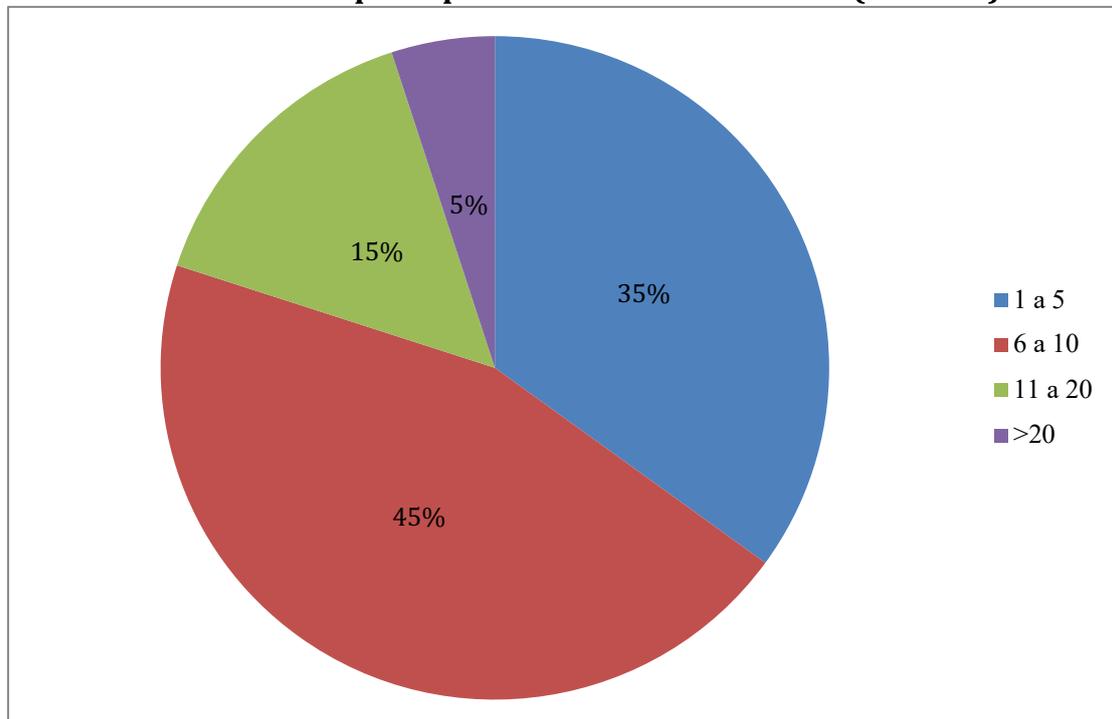
Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Os brasileiros que tiveram sua motivação de saída do Brasil vinculada aos estudos optaram em continuar morando no exterior ou retornaram ao Brasil para terminar mestrado/doutorado e migraram novamente. Uma das entrevistadas se mudou para o exterior devido à expatriação do esposo pela empresa em que ele trabalha e os outros casos de expatriação envolvem o próprio entrevistado. O

turismo foi apontado como um fator inicial para conhecer o mundo e pensar nas possibilidades de migração e, no que tange à migração reversa, trata-se de uma migração no sentido inverso daquele feito por gerações passadas da família do entrevistado. A busca por trabalho apareceu como motivação devido à crise econômica brasileira e a decisão por questão política foi citada por um dos entrevistados devido ao resultado das eleições de 2018.

Com relação ao tempo de permanência fora do Brasil, observou-se que a maioria dos entrevistados, isto é, 45% estão vivendo no exterior entre 6 e 10 anos, conforme é possível verificar no gráfico 3. Nota-se também a relação direta entre o tempo em que o brasileiro mora fora do país e o seu anseio de retorno. Quanto maior o tempo de vida no exterior, menor ou nula é a vontade de retornar a viver no Brasil. Os entrevistados que se encontram no exterior, entre 1 e 5 anos, almejam voltar um dia a viver no Brasil e acreditam que a situação nacional pode vir a melhorar, visão contrária dos que migraram há muito mais tempo.

**Gráfico 3 – Tempo de permanência fora do Brasil (em anos)**



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

No que tange às dificuldades enfrentadas no processo migratório, as respostas foram unânimes em afirmar que o idioma e os códigos culturais são as

principais barreiras que se apresentam, principalmente, quando chegam ao país escolhido para migração. Os entrevistados que estão há mais tempo fora do Brasil apontam que, apesar do tempo de migração, há sempre algo novo a se aprender sobre a cultura do país em que estão vivendo.

Quanto à análise das questões relacionadas à pandemia de Covid-19, a maioria dos brasileiros entrevistados relataram que os países em que se encontram tomaram medidas à altura da gravidade da pandemia. Mesmo que, inicialmente, alguns governantes minimizaram a doença e seus impactos, em pouco tempo mudaram de opinião e agiram para o combate da disseminação do vírus por meio do fechamento de fronteiras, aumento dos postos de atendimento hospitalares, compra de vacinas, veiculação constante de informação pelos meios de comunicação das medidas de prevenção e da necessidade de isolamento social, discursos de autoridades em rede nacional e auxílio financeiro a quem perdeu renda. Em nenhum dos casos foi mencionado o negacionismo da ciência e todos os governantes tiveram uma postura séria com relação à pandemia, pronunciaram-se repetidas vezes à nação solicitando à população o cumprimento das normas de higiene e de isolamento social, fizeram campanha pela vacinação e respeitaram as vítimas e a dor de seus familiares.

Por outro lado, todos os entrevistados, sem exceção, criticaram a posição do governo brasileiro, o negacionismo da ciência e o número de vítimas acometidas pela doença no Brasil que poderia ter sido evitado com a compra antecipada de vacinas e com as medidas de isolamento defendidas por médicos e especialistas em epidemias.

O fechamento das fronteiras foi um tema que gerou muita angústia e medo entre os brasileiros no exterior, caso precisassem sair às pressas do país e virem ao Brasil por conta do acometimento pela doença de parentes e amigos, estariam impossibilitados de cruzar os limites dos países. O sentimento de impotência com relação à situação e ao descaso político quanto à gestão da pandemia no Brasil criou revolta entre todos os entrevistados que assistiam a tudo à distância e sem poder fazer nada.

O Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS) foi exaltado por todos e relataram que, nos países europeus, a saúde é coberta por meio do pagamento de altíssimos

impostos. Na maioria dos países, o imposto é descontado em folha de pagamento quando o cidadão tem um contrato de trabalho formal e, se for prestador de serviço ou empreendedor, os impostos devem ser pagos separadamente sendo estes destinados à saúde. Em caso de desemprego, a pessoa deve arcar com todas as despesas de saúde. A entrevista realizada com a entrevistada que vive em Praga chama a atenção por trazer ao seu relato a “dureza” arquitetônica dos hospitais que foram concebidos na época em que a República Checa fazia parte da Cortina de Ferro e que, para os atendimentos serem realizados faz-se necessário pagar um convênio de saúde ou estar vinculado a algum contrato trabalhista, o que exclui os mais carentes do atendimento médico. Nos países latino-americanos, os entrevistados relataram a precariedade dos hospitais e dos serviços médicos que não possuem capilaridade de atendimento, são distantes e que, em muitos casos, são pagos. Nesses países, as pessoas que possuem condições financeiras possuem um convênio médico e hospitalar para terem um atendimento melhor em hospitais e clínicas especializadas. Nos EUA, não há um sistema de saúde público universal e os americanos precisam pagar um plano particular para terem acesso aos tratamentos e aos hospitais. Além disso, migrantes indocumentados ficam de fora dos atendimentos nas redes de saúde e, muitos dentre eles, vieram a óbito porque temiam procurar os hospitais e serem deportados devido ao *status* migratório irregular.

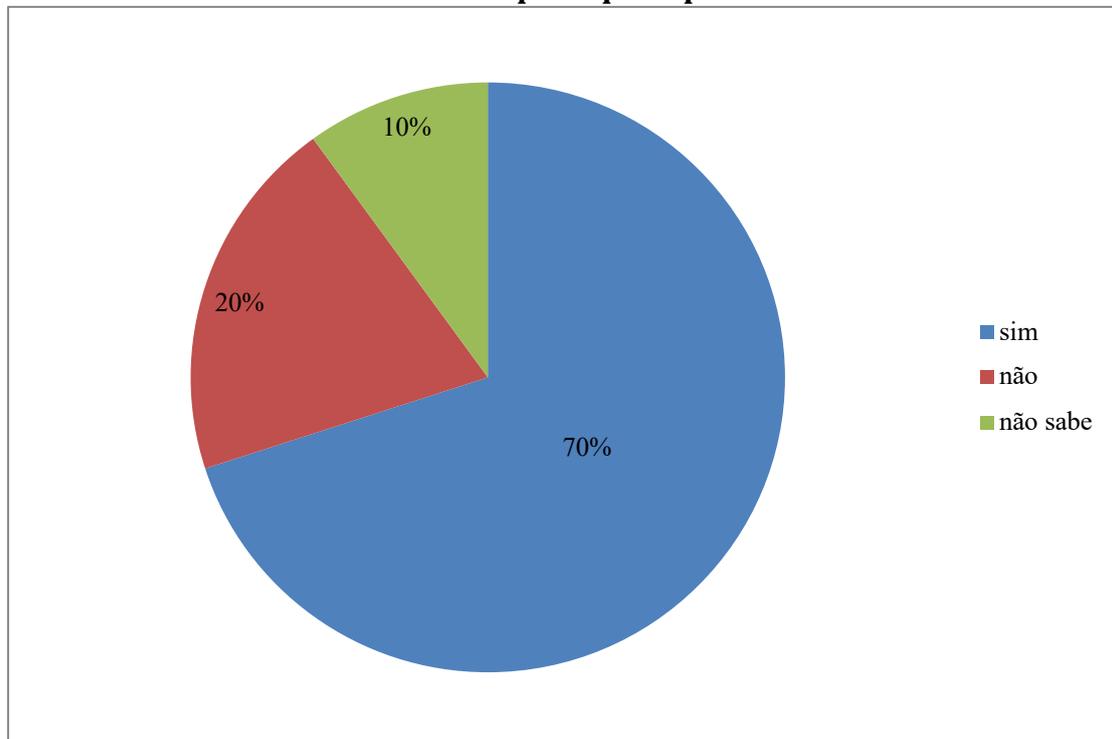
No Brasil, a situação é bem diferente e o SUS atende a todos sem discriminação, independente da situação migratória e da ausência de vínculo de trabalho das pessoas. Graças ao SUS, único serviço universal gratuito do mundo, a população brasileira, imigrantes, refugiados e solicitantes de refúgio puderam ter atendimento médico e hospitalar em todo Brasil. Por outro lado, os entrevistados de países europeus relataram a facilidade e a gratuidade da realização de testes pelo sistema de saúde, ao passo que no Brasil, este serviço não foi oferecido por todo o território nacional o que gerou uma grande subnotificação dos casos de contaminação.

Ainda no que tange à questão da saúde, alguns entrevistados relataram como os governos monitoram e rastreiam, por meio dos aparelhos celulares e drones, os casos de contaminação e o círculo de pessoas que deve se isolar pelo simples fato de

ter passado ou frequentado um local onde uma pessoa infectada passou ou por estar num raio de maior contaminação. A tecnologia se mostrou uma grande aliada no combate da doença e no controle da sua disseminação em países como China e Austrália.

Para além das questões ligadas à saúde, a pandemia causou estragos econômicos em todos os países e, perguntados sobre o suporte dos governos para quem perdeu renda, a maioria dos entrevistados (70%) disse que houve auxílio para quem perdeu renda ou teve seus negócios prejudicados pela necessidade de fecharem as portas por conta do isolamento social conforme aponta o gráfico 4. Nesses casos, houve ajuda para pagamento de aluguel e auxílio mensal para alimentação e despesas básicas. No que diz respeito aos imigrantes, somente os que têm *status* migratório regularizado puderam ter acesso aos auxílios emergenciais e, os indocumentados ou em situação irregular, não puderam contar com esses benefícios.

**Gráfico 4 – Auxílio para quem perdeu renda**



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

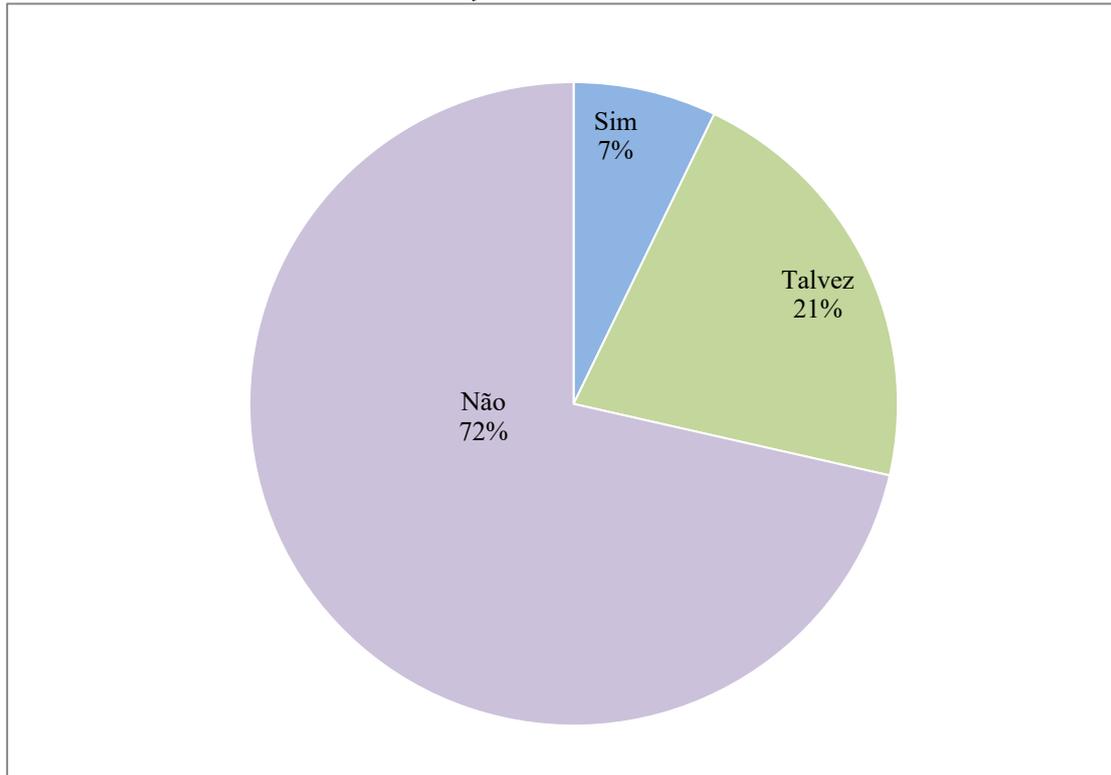
Devido à condição migratória regular e às atividades laborais exercidas, todos os brasileiros entrevistados disseram que conseguiram fazer o isolamento social e trabalhar de forma remota durante os períodos mais críticos da pandemia.

A questão de gênero foi abordada pelas mulheres e mães entrevistadas que tiveram sua rotina modificada com o teletrabalho e por conta do acompanhamento das aulas *online* e das atividades dos filhos em idade escolar. Além disso, o medo de acometimento pela doença e agravamento do estado de saúde foi um dos motivos citados pelas mulheres, principalmente as que cuidam sozinhas de seus filhos, pelo receio de deixá-los desamparados ou órfãos em meio a uma pandemia e distantes da família.

As redes migratórias de apoio e solidariedade dos brasileiros que vivem no exterior contribuíram para que, mesmo de forma virtual, por meio das redes sociais e *WhatsApp*, pudessem ser garantidas a circulação de informações sobre a pandemia e as decisões governamentais locais para aqueles que, a língua estrangeira é a principal barreira na comunicação, além disso, essas redes foram uma fonte de apoio para quem necessitou de amparo, seja ele material ou psicológico.

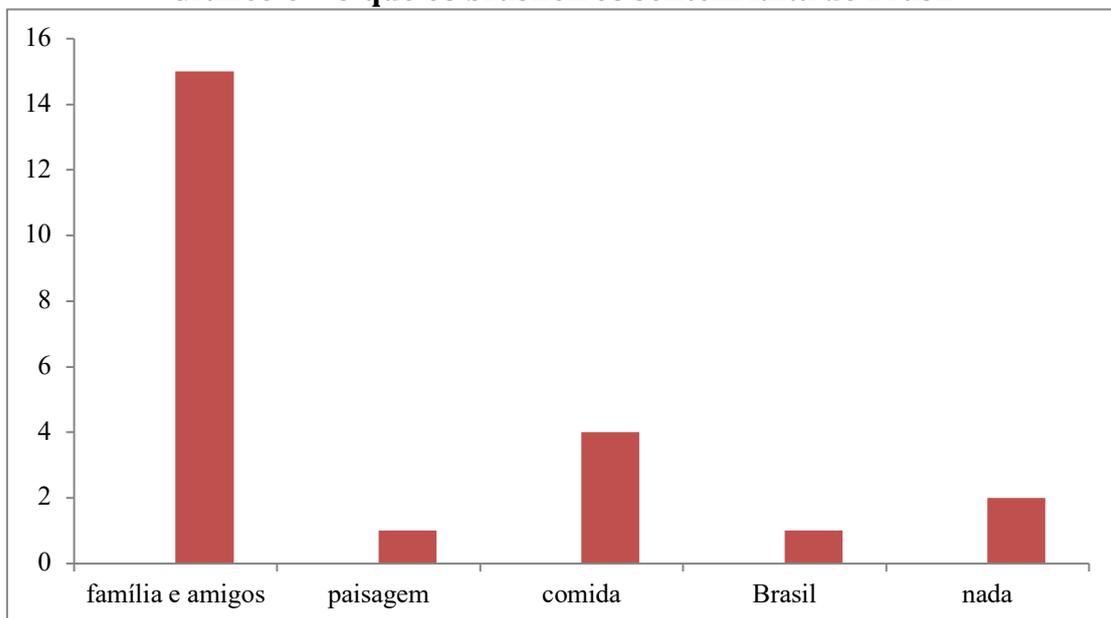
Cabe destacar que, apesar do tempo de migração ser longo e de muitos não expressarem o desejo de retornar a viver no Brasil, conforme aponta o gráfico 5, a maioria diz sentir falta de algo do Brasil como é possível verificar no gráfico 6, seja da gastronomia, da diversidade das frutas, do clima, da facilidade de se fazer amigos, do acolhimento caloroso do povo brasileiro, mas o que mais sentem falta é da família e dos amigos, enfim, de seus afetos. Essa carência se acentuou durante a pandemia e, como nos ensina Sayad (1998), o migrante é ao mesmo tempo imigrante e emigrante e, assim sendo, possui a necessidade de estar presente onde é ausente. Estar presente, mesmo de forma virtual, com maior frequência, fez parte da rotina dos brasileiros entrevistados. A distância de seus entes queridos e o medo de serem vitimados pela doença, principalmente os mais idosos como pais e avós, fez da vida desses emigrantes um verdadeiro período de incertezas e preocupações.

**Gráfico 5 - Desejo de voltar a viver no Brasil**



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

**Gráfico 6 - O que os brasileiros sentem falta do Brasil**



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Ressalta-se que os brasileiros identificaram mais de um item que sentem falta e, chama a atenção, o fato de dois entrevistados que, devido ao tempo de migração e total adaptação à cultura do país em que residem, terem relatado não sentir falta de praticamente nada que possa representar seu país de origem.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pandemia ainda não acabou e, muito provavelmente, o mundo terá que se habituar a conviver com o Sars-Cov-2. Apesar disso, no mês de maio de 2022 se deu a última entrevista da série de podcasts “Brasileiros no exterior: vida, dificuldades e a pandemia de Covid-19” e com isso, foi possível compartilhar neste artigo algumas das impressões e análises feitas dessas 20 entrevistas que foram realizadas no período de um ano.

Vários são os motivos relatados por nossos entrevistados que os levaram a migrar, mas independente do desejo inicial, a mobilidade do trabalho aparece como sendo uma das principais chaves de entendimento da migração, principalmente, para os países do hemisfério norte.

Com cerca de quatro milhões de brasileiros vivendo no exterior, a pandemia revelou a necessidade de se discutir e analisar como vivem e quais são as necessidades e dificuldades dessas pessoas.

Logo, foi possível com esta pesquisa mostrar a importância dos sistemas de saúde mundo afora e a necessidade da criação de políticas direcionadas à proteção da saúde e da dignidade de vida da população migrante. Atendimento médico gratuito e auxílio emergencial são maneiras de mitigar os impactos de uma crise sanitária que segrega e aprofunda a precariedade de vida de grupos específicos da população, entre eles os migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio. É inaceitável e desumano que determinados grupos sociais sejam largados à própria sorte, sem a ajuda dos governos.

Conforme mencionado nessa pesquisa, nenhum dos entrevistados estava numa situação irregular nos países em que vivem, mas relataram as dificuldades dos mais vulneráveis e como os serviços públicos de saúde funcionam, na maioria dessas localidades, pautados pelo pagamento de altos impostos e vinculados aos contratos de trabalho, desse modo, os próprios governos excluem os desempregados e as pessoas sem recursos financeiros que ficam à margem da sociedade, aprofundando ainda mais a precariedade de vida desses indivíduos.

Políticas em prol de uma saúde universal e não discriminatória como a que temos no Brasil deve servir de modelo para o mundo e espera-se que o bom exemplo brasileiro possa vir a ajudar as pessoas mais carentes para que, a letalidade da

Covid-19 e de outras doenças, não se torne mais um instrumento de controle dos Estados e da necropolítica adotada por eles.

60% dos entrevistados são mulheres logo, a temática de gênero foi recorrente nas falas dessas pessoas. O aumento da jornada de trabalho com o teletrabalho, o cuidado com os filhos e o papel de educadoras no apoio às atividades escolares com as aulas *online* durante este período de pandemia foram relatos constantes desse grupo de entrevistadas. Além disso, as mulheres sem exceção, queixaram-se das situações de machismo nos ambientes de trabalho e como o fato da latinidade as discriminam na vida profissional quando vivem em países, principalmente, do hemisfério norte. Trata-se de uma luta constante para mostrarem suas capacidades e exigirem respeito como mulheres, mães, latino-americanas, migrantes e profissionais.

A pandemia aumentou a angústia dos brasileiros que vivem no exterior e a distância da família e dos amigos aliada ao medo da morte gerou maior sofrimento para essas pessoas que se viram impossibilitados de mobilidade e de regressarem ao Brasil devido ao fechamento das fronteiras e à diminuição da rede de transportes. Ao mesmo tempo que alguns dos entrevistados se desesperaram, outros se certificaram de que a decisão de permanecer longe do Brasil é a mais acertada, tendo em vista os rumos da política, da economia e da gestão desastrosa da pandemia nos últimos anos.

Os sentimentos de impotência e revolta foram comuns em todas as falas frente ao descaso das autoridades brasileiras durante a gestão da pandemia, o fato de não terem condições de atuarem pelo Brasil à distância agravou ainda mais o sofrimento e o medo de que algo pudesse acontecer com a família, sobretudo com os mais idosos, e amigos.

Muitas outras análises poderiam ser feitas com o material deste projeto no entanto, o debate não se esgota aqui e permanece aberto para que outros pesquisadores possam acessar as entrevistas e darem suas contribuições por meio de análises e críticas que, certamente, enriquecerão o entendimento das migrações durante a pandemia e os estudos migratórios.

## Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

DAL GALLO, P.M. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Rev. Geograficidade** . v.01, n.01, Inverno 2011.

GAUDEMAR, J.P de. **Mobilité du travail et accumulation du capital**. Paris: Librairie François Maspero. 1976.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Coronavirus Resource Center, Baltimore, 2022. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 07 mai. 2022.

MBEMBE, A. A ideia de um mundo sem fronteiras. **Revista Serrote**. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/?fbclid=IwAR2azJ832PUW-MTBdXeKxsMbNM9jhjCpzqFe9Se0uiA5NAjsXntlvTli74#>. 2019.

\_\_\_\_\_. **Necropolítica: biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). **Comunidade brasileira no exterior. Estimativas referente ao ano de 2020**. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>. Acesso em: 07 mai.2022

NEPEN GEOUSP - Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Reflexões iniciais sobre o impacto da pandemia de covid-19: saúde, necropolítica e a condição de vulnerabilidade social da população negra na cidade de São Paulo. In: Geografia e Covid-19 [recurso eletrônico] : reflexões e análises sobre a pandemia / Organizadores: Daniel Bruno Vasconcelos ... [et. al.]. São Paulo : FFLCH/USP, 2021.

PACHI, P. **A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo**. 2019. 163 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

\_\_\_\_\_. **Emigrantes brasileiros e a pandemia de Covid-19**. Anais do XIV ENANPEGE -Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77646>.

\_\_\_\_\_. Reflexões geográficas e cotidianas. Série “Brasileiros no exterior: vida, dificuldades e a pandemia de Covid-19. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/57kHK6dxuR1gBCsLpSiIDC>

POVOA NETO, H. Migração e fronteiras. In: SUERTEGARAY et al (org.). **Geografia e conjuntura brasileira**. Orgs: Consequência Editora, Rio de Janeiro. 2017.

SANTOS, M. **Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SISMIGRA. **Sistema de Registro Nacional Migratório**. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincre-sismigra/>. Acesso em 07 mai.2022

VILLEN, P. A nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In: Ricardo Antunes (org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Artigo recebido em: julho de 2022.  
Artigo aprovado em: dezembro de 2022.